

## **RUBRICA REPORT(H)A: O teatro da natureza e o mundo**

### **AS MORRARIAS CARIOCAS E SUAS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS ILUSTRADAS PELA FLORESTA DA TIJUCA, RJ, BRASIL**

Gabriel Paes da Silva Sales<sup>1</sup>  
Rejan R. Guedes-Bruni<sup>2</sup>



**Floresta da Tijuca: vista da Pedra da Gávea a partir da Vista do Almirante.  
Registro fotográfico de Gabriel Paes da Silva Sales feito em 20 de outubro de 2018.**

A paisagem idílica da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, narrada pelos cronistas e naturalistas que nela aportaram, desde o século XVI, se fundamenta no encontro entre o mar e as verdejantes montanhas que desenham seu litoral. O paredão soerguido do maciço da Tijuca, avistado desde a Baía de Guanabara, constituiu-se como fronteira, desde a instalação da Colônia portuguesa, transfigurando-se ao longo do tempo pelos

---

<sup>1</sup> Aluno de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia e Meio Ambiente, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: [paes.sales.gabriel@gmail.com](mailto:paes.sales.gabriel@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Biologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: [rejanbruni@puc-rio.br](mailto:rejanbruni@puc-rio.br)

diferenciados usos do solo que dele foram feitos. A floresta densa e sempre verde, expressão pujante da Floresta Tropical Atlântica brasileira, à medida em que a área urbana se expandia, constituiu-se como fonte de água, lenha, carvão e café, entre outros, para abastecimento da Colônia e, posteriormente, do Império.

A escassez de água – decorrente da destruição das nascentes pelo desmatamento no maciço da Tijuca para implantação da cafeicultura – resultou em grave crise de abastecimento da cidade. A execução do projeto pioneiro de reflorestamento, a partir de 1862, sob a liderança da enigmática figura do Major Manoel Gomes Archer, em localidade denominada como Floresta da Tijuca, foi, por mais de 150 anos, justificada por esta crise.

Reconhecida como uma das maiores florestas urbanas do mundo, suas árvores registram historicidade para além da evolução biológica. Compreendê-la como resultado não só das interações biológicas, redimensiona a trajetória da Floresta da Tijuca como produto também das intencionalidades humanas que se deram, desde os indígenas que a manejavam até os mosaicos resultantes dos plantios iniciados pelo Major Archer, acrescidos do concurso da aleatoriedade de processos naturais que levou as sementes de tais espécies florestais, para além dos territórios estabelecidos no projeto original de reflorestamento.

Quantas histórias nos guardam cada árvore que enfeita a paisagem carioca? As diferentes fontes documentais, sejam elas relatórios, cartas, croquis e cartogramas, além de outras típicas à História, constituem as bases seguras para que a floresta do presente possa ser compreendida a partir de seu passado. Assim, as listas de plantios, conduzidos por Archer e seus sucessores, apresentavam as espécies botânicas selecionadas, algumas por seus nomes científicos, outras por seus nomes populares.

Decorre daí a necessidade de verificação nos relatórios e nas correspondências sobre os dados relativos à procedência das sementes, de modo a correlacionar um nome científico a cada um dos nomes populares citados. Feito este cotejamento, é necessário inventariar a floresta atual, medindo os indivíduos de maior porte e coletando seus ramos, para então identificá-los e compará-los às coleções botânicas, depositadas nos herbários. A indagação que logo se apresenta é: como saber se estes indivíduos são aqueles do reflorestamento? Onde exatamente o projeto foi implantado? Era necessário então, à luz da cartografia histórica, valendo-se dos mapas e croquis, comparar curvas de nível, cursos

d'água, limites de propriedades e voltar a campo em busca de ruínas e outros registros que auxiliassem a definir a área do plantio, até então desconhecida. Uma vez identificada a área, necessita-se reconhecer as linhas do plantio original e, uma vez, descobertas, datar tais árvores.

A dendrocronologia torna-se, dessa maneira, ferramenta fundamental de reconhecimento das evidências. A contagem dos anéis de crescimento caulinares possibilita atribuir a idade de cada uma delas, assim como evidenciar a convergência entre o que os relatórios de plantio indicavam e seu testemunho vivo na floresta atual. A dimensão espacial, tão cara à Geografia, adornada pelos componentes bióticos, alocados na complexidade das escalas temporais, constituem terreno fértil à interação de metodologias que confluem para que a história ambiental, ressignifique o propósito deste valioso e pioneiro projeto de reflorestamento que inaugura no Brasil Império um olhar, para além da exploração dos recursos naturais, voltado à restauração da paisagem e ao desenvolvimento de técnicas silviculturais no país.

#### Bibliografia:

DEAN, Warren, *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*, Primeira Edição (São Paulo: Companhia das Letras, 1996).

DRUMMOND, José Augusto. 'O jardim dentro da máquina: breve história ambiental da Floresta da Tijuca', *Estudos Históricos* 1 (2) (1988): 276-298.

SALES, Gabriel Paes da Silva e GUEDES-BRUNI, Rejan R. 'Um quebra-cabeça verde: "montando as peças" do reflorestamento empreendido na Floresta da Tijuca', *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 7 (3) (2018): 58-77.

**Como citar:** Gabriel Sales e Rejan Guedes-Bruni - «As morrarias cariocas e suas múltiplas histórias ilustradas pela Floresta da Tijuca, RJ, Brasil» [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2020. Disponível em <http://www.reportha.org/en/news/item/525-naturae-theatrum-et-mundum-the-theatre-of-nature-and-the-world-o-teatro-da-natureza-e-o-mundo>